

Maranhão, 20 de Novembro de 1881.

O PENSADOR publica-se trez vezes por mez, nos dias 10, 20 e 30, e assigna-se a 2:000 reis por trimestre, para a capital, e 2:300 reis, para qualquer outro lugar. As assignaturas pagam-se adiantadamente.

Todos os negocios, a elle relativos, tratam-se no escriptorio da redacção, á rua da Palma n. 30.

© PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE NOVEMBRO DE 1881.

© ensino secular.

Desde os tempos prehistoricos que vemos a sociedade ora dirigida por uma, ora por outra das formas de governo, que desde a sua infancia até aos nossos dias, empunharam a suprema tutela da humanidade—A Theocracia, a Monarchia e a Republica

Na primeira, a theocracia, ou o governo do homem pelo poder de Deus, dois lugares foram escolhidos como compensações ao bem e ao mal. O céu, como a maxima felicidade para os justos, e o inferno, como o ultimo castigo para os máos.

A theocracia sempre consagrou o principio do arrependimento das culpas, para não fechar de todo a porta do céu, mesmo aos maiores monstros. Foi assim que levantou altares á Pedro de Arbués. E tambem como o homem tem natural sympathia pelos seus confrades, segue-se que embora perverso tenha sido o homem, mas trabalhou pela seita, mereço desculpa, se não perdão de todos os seus crimes.

Si Nero se tivesse baptisado, confessado e commungado á hora da morte, estaria no céu christão, como tantos outros Neros que lá se acham.

A theologia quiz personalisar esta accommodação com o céu, ou o mal contraído metamorphoseando-se em bem, pela representação dos dois ludros que foram crucificados com Christo. Ambos scelerados, que tinham coberto a terra de lucto, pelas rapinas e assassinatos praticados; mas um, porque creó em Deus, no passo extremo, subio ao paraíso, e estava perdoado; e outra hora mesmo na mangão celeste ouvisse ainda os gemidos do orphão, da viuva, cujo pai e marido foram por ambos assassinados, ou fumegasse ainda sob as cinzas do incendio, o azylo do casal laborioso que desapareceu, ante a sanha da inveja e cubição dos máos.

O segundo foi para o inferno, como todos os que não creem na igreja, não porque matasse e roubasse, mas porque não pediu perdão a Deus!

A segunda forma de direcção social é a monarchia, ou o governo d'um só, pôde resumir-se no seguinte verso do grande epico: tal é a influencia exercida pelo rei sobre os governados.

Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

A ultima é a republica, ou o gover-

no da causa publica dirigida por todos.

Todas as instituições sociaes, portanto, devem sentir-se da tendencia que em cada uma destas formas de governo deve exercer sobre o espirito publico; porque a republica apresenta o dever do cidadão em bem servir a patria, como o melhor guia, a suprema norma de conducta, no procedimento de cada um, sem outra esperanza de recompensa que a propria satisfação da pratica do bem.

A monarchia, se tem os seus aurogés, tambem tem as suas bastilhas, com que nem sempre promeia o merito, como tambem tem sempre castiga só ao máo.

A theocracia só tendo extremos, para o bem e para o mal, só apresenta nos seus adeptos a eterna hemaventurança, que é o céu, e o eterno castigo, que é o inferno.

Por isso a theologia apresenta mais tenacidade, mais sofroguidão, mais fanatismo enfim, na propaganda das suas doutrinas; porque, uma vez decretadas as penas, não ha mais recurso algum, por serem ellas cumpridas depois da morte; no passo que os monarchias, como castigam em vida, podem ainda reparar as injusticias.

D'ahi esse desejo sem tregués de vencer os obstaculos dos diseredentes, que caracteriza os padres, e que fazia d'elles seus heroes, si a doutrina não fosse tão absoluta.

Sacrificar o corpo para salvar a alma, é uma axioma theologico.

No ensino da mocidade, por exemplo, as monarchias seguem o principio da tutela.

Nestes governos vê-se mestres officiaes, programmas officiaes, livros officiaes. O alumno deve pensar pela cabeça dos que governão; é a pedra do toque do grão de saber de cada um. Portanto, tudo nos vem do governo, e nada da iniciativa particular.

A republica deseja povoar a patria de bons cidadãos, instruidos e virtuosos. A monarchias—de bons e fieis súditos, morigerados e instruidos, cada um na sua esphera.

A theologia deseja somente enviar ao céu o maior numero possível de almas; umas verdadeiramente virtuosas, outras, que deixaram terra manchada de sangue, mas todas van para o mesmo lugar, aquellas porque não podiam deixar de la entrar, estas pelo arrependimento.

Pelo que uma seita, oivada de tuos principios, não é a mais propria para educar a mocidade. O mysticismo é o seu unico ponto de apoio. E, como o teologo não pôde deixar de ser homem, elle goza deste mundo como o corsario que passa rapido por um porto de mar, que surpreheuder.

Apanha o que pôde, goza o mais possível nos poucos dias que passa em terra, e depois retira-se carregado de despojos, para depois usufruil-os em paz. Assim pensa o theologo. Este mundo é uma peregrinação, pela qual, com o auxilio da graça, só praticamos o bem; e sem ella podemos ser máos, e perversos mesmo, mas vindo a graça, iremos tambem para o céu, como os primeiros. Eis como pensam os jesuitas. Pois uma seita que ensina a innocidade tão funestos principios, pôde

educar cidadãos para a patria, ou pais de familia para o lar domestico?

Pôde ser esposa a mulher que está crente de que o adulltero Deus perdôa como á Magdalena; o homicidio como a Santa Clotildes; a faga nocturna da companhia do marido como á imperatriz Prisca; que o céu é tudo, e a terra nada vale?

Será bom cidadão aquelle que pensa que não mata, não rouba, não seculiza a mulher do proximo porque tem medo do inferno?

Lo passo que a doutrina de evolução nos ensina que esta terra é tudo para o homem. Duas vidas tem elle: uma objectiva, enquanto vive, e outra subjectiva, na memoria da posteridade. Si viveu para os outros, sendo bom, justo, amando o seu proximo com esse amor desinteressado com que Luiz Vezale sacrificou sua vida para salvar a de outros; si, como Galileu, Watte, Shakspeare, Camões e tantos outros amigos do homem, ensina-lhes a verdade, que não perece nunca, então o céu para esses benfiteores da humanidade é a veneração da posteridade, é essa santificação do genio que em cada coração levanta-lhes um altar.

E os que nada fizeram voltam para o scio da natureza, como para ella nasceram e viveram. São como aquellos que não trabalhão: não tem patrimonio para viver.

Além da base ociosa e inutil da theologia, o que ensinam os padres?

Que Deus no primeiro dia da criação creou a luz, e o sol no quarto?—Que Adão foi tirado do barro, e a sua companheira d'uma de suas costellas?—Que esta loi condemnada, com todos os seus descendentes, á morte e á dor, por ter desobedeido a Deus, quando na justiça humana as penas não passam ao do delinquente?

E muitas outras parvoíces com que o clero embala as cabeças infantis, enquanto se deixam fiar atrás do carro do progresso abraçados com a cruz do mysticismo.

Quando a sociedade em pezo procura na astronomia as leis que regulam a orden e o movimento dos astros, donde dependem as nossas condições de existencia; na physica, chimica, botânica o modo estatico, dynmico, economico & da nossa existencia, o padre, á tudo isto allieio, ainda vomita anathemas contra os benfiteores da humanidade, condemna os codigos, repelle a formação da familia aos que não se confessam e commungam com elles, negam até o repouso aos mortos, enfim pretendem abalar a voz de todo o passado, as nobres aspirações do presente e as esperanças do futuro?

E porque?—porque cada conquista do espirito humano é um formal desmentido ás velhas doutrinas bíblicas. Galileu desmente á José; Franklin desmente á Moyses no monte Sini; Bichat seus e collegas desmentem a sentença bíblica do *paries liberus in dolorem*, enfim cada passo que dá a sciencia é uma decepção para a theologia.

Pois, si só ensinão tuas doutrinas, e ainda continuaram a comer o seu proprio Deus, enquanto o homem moderno, herdando o sagrado patrimonio dos antepassados, o feção augmentado dos oibeiros do futuro, sem desejos de outra recompensa além da satifa-

ção de ter cumprido o seu dever, que se lies arranque, estanque mesmo a seiva nociva com que pervertem a musculade.

Venha o ensino secular.

© «Globo.»

Acaba de apparecer, na corte do imperio, este importante jornal. Está encarregado de sua redacção o principe dos jornalistas brasileiros—Quintino Bocayuva.

Vem o *Globo* recocerpar o eminente lugar que por algum tempo abandonára. Vem continuar a longa serie de victorias, que ha collido no grande prelo das idéas. A abstenção temporaria de tan esforçado campeão servilhe para adquirir nova força e nova seiva.

A presença de Quintino Bocayuva, na redacção do importante organ de publicidade é uma garantia segura da sua conducta no vasto campo da imprensa. O grande democrata não abandonará a luta antes de laver conseguido ferir de morte todos os adversarios dos sublimes principios, de que se constituiu uma das mais fortes atalajas.

E' esta a missão do journalismo moderno—demolir e construir. Demolir tudo quanto for velho, tudo quanto possa impedir o progresso da humanidade, para sobre suas ruínas construir o grande edificio da sociedade moderna. E' isto a synthese de todas as idéas nobres e elevadas, que actualmente agitam o cerebro de geração nova.

E é no meio desses trabalhadores do futuro que se vem alistar o *Globo*. Vem tomar um lugar na obra ingente da regeneração social.

Nós o comprimentamos affectuosamente. E d'aqui, do meio da nossa obscuridade, desejamos-lhe longa vida e muitos dias de felicidade.

Fomos obsequiados com os primeiros numeros do *Globo*. Summamente lisongeados por tão expressiva prova de distincção, confessamos-nos de coração agradecidos e retribuiremos, enviando o nosso modesto *Pensador*.

Partidas.

No vapor *Bahia*, seguiram para o sul do imperio os exas. srs. drs. Cincinato Pinto da Silva, presidente da provincia, e Manoel Ventura de Barros Leite Sampaio, chefe de policia.

Grande fama precedeu o sr. dr. Cincinato, quando veio tomar posse da administração desta provincia. Os povos dos Alagoas, que antes gerira, levantaram-se todos; e—sem distincção de côe politica—proclamaram a sua circumspecção, o seu fino administrativo. A assembléa provincial respectiva, em um publico documento, deserta a s. exc. uma manifestação esplendida do apreço em que o tinha.

Chegado a esta provincia, competia a s. exc. não desmentir o seu glorioso passado. Cumpria-lhe sustentar o fazer sustentar o bom nome que já antes ganhára.

E sustentou. Nomeado para presidente desta provincia, em uma época verdadeiramente calamitosa, s. exc. portou-se sempre na altura em que se deve collocar um perfeito administra-

dor. Nunca a imprensa imparcial desta capital fez a menor censura a qualquer acto que emanasse do illustre sr. dr. Cincinnato. A propria opposição remete sempre praeto a moralidade do digno administrador.

Anormal era o estado do Maranhão. Estava elle a brasar com uma luta religiosa. Em breve tinha-se de proceder á eleição pelo novo regimen. Pela primeira vez, ia o povo manifestar a sua vontade, em virtude da ultima reforma eleitoral.

Difficilissima era, pois, a posição do administrador. Cumpria-lhe portar-se com maximo tim e excepção de espirito.

E o sr. dr. Cincinnato portou-se sempre condignamente. Os seus actos tinham sempre o cunho da reflexão e reflexão madura.

—O sr. dr. Veautica, durante o curto espaço de sua administração policial, conduziu-se sempre com muito criterio e rara circumspecção. Tornou-se, pois, s. exc. carcereiro da estrema de todos os homens sensatos e independentes.

Era geralmente estimado. E em cada uma das pessoas com quem tratou, deixa um amigo sincero e dedicado.

Bonancosos ventos conduzam os illustres viajantes. E a maior somma de felicidades os esperem no lugar para onde se dirigem, obtendo o exm. sr. dr. Cincinnato prompto restabelecimento da molestia que o acorromboulou.

São estes os sinceros votos que faz a redacção do Pensador, sumamente agradecida pelas attencões que lhe dispensaram os illustres cidadãos.

A lei desrespeitada.

Clamam, todos os dias, os redactores da *Civilização* pelo exacto cumprimento da lei. É raro o numero deste periodico em que as autoridades provincianas e geraes não soffrem aces censuras, por não fazer a cumprir strictamente.

Assim, pois, a esses redactores, mais do que a ninguém, cumpria dar o exemplo da fiel observancia das nossas disposições regulamentares. Elles, que dizem-se os arautos da lei, os seus mais dedicados defensores, deviam procurar, por todos os meios, nunca afastar-se d'ella. E isto uma obrigação imposta pelo simples bom senso.

Entretanto, isso não se dá. Vemol-os sempre rebelar-se contra a nossa legislação, cumpindo bullas não *placitadas*. E ainda ultimamente tratamos de dous factos illegaes, praticados por membro do nosso clero. O bispo diocesano, usurpando attribuições que lhe não pertencem, concedera honras de conego a um sacerdote, contra terminante disposição de lei. Esse mesmo sacerdote exercea cargos vitalícios, apezar de ser official do exercito.

Agora, vamos tratar de um facto muito mais escandaloso. Para elle chamamos a attenção do integerrimo magistrado, que dirige os destinos da provincia, e mais autoridades. Não pôde absolutamente ficar impuno semelhante desaeato á lei escripta.

Queam-nos essas autoridades. Lembam-nos os homens sensatos.

Aquelle mesmo sacerdote que, sendo official do exercito, exerce um cargo vitalicio, acaba sem permissão alguma de seus superiores, de abandonar o exercicio de seus cargos. Seguiu elle no vapor de 12 do corrente, para a provincia do Pará.

Para quem, como nós, se tem dado ao ingratu trabalho de acompanhar os padres da diocese, ainda nos seus menores movimentos, semelhante facto é bastante significativo. Prova, e de uma maneira incontestavel, que o individuo

pelo simples facto de pertencer ao clero, torna-se incorrigivel, desobediente e desrespeitador.

O padre Raimundo Alves da Fonseca, capellão capitão do 5º batalhão de infantaria, lente de philosophia do Lyceo desta cidade, vice-reitor e lente do seminario de Santo Antonio, ali foi caminho do Pará. E os seus superiores ficaram sem saber d'elle a menor noticia.

E este o facto de que queremos occupar-nos. Um empregado publico, um militar, a cujo cargo estão todos os objectos existentes na capella militar, abandonou seu cargo, abandonou seu posto, desprezou a carga que tinha sobre si, sem previa licença da autoridade competente. Não pôde haver facto mais escandaloso. Devo cabir, sobre o delinquente, a lei em todo o seu rigor. Nada de patronato.

Como militar de desercção, incorreu em crime de desercção. Abandonou o seu posto. Seguiu para provincia estrangeira, conservando-se nella por mais de 8 dias. Deve elle, pois, ser subnctido a conselho de guerra.

Como empregado civil, incorreu na penalidade do art. 157 do nosso codigo criminal. Assim se exprime elle:

«Art. 157. Largar, ainda que temporariamente, o exercicio do emprego, sem previa licença do legitimo superior, ou exceder o tempo de licença concedida sem motivo urgente e participado.»

«Penas—do suspensão do emprego por um a tres annos e de multa correspondente á metade do tempo.»

Assim, pois, tem o padre Raimundo Alves da Fonseca de responder por dous lavos. Devo ser responsabilizado o militar desercior e o empregado publico desrespeitador da lei.

Deve-se por um paralelo nos desmandos do clero. O individuo, pelo simples facto de ser padre, julga-se fora da lei. Entende que pôde a todos os momentos monosprial-a.

Isto, porém, não pôde continuar assim. As autoridades civis, que dizem os padres não valeram, devem ser inexoraveis para com elles. Provarão assim que valem tudo.

Subnctomol-os essas ligeiras considerações á apreciação do illustre sr. dr. promotor publico. Preste o digno organ da justica publica todo o interesse a este negocio assaz grave. Cumpria o seu dever. Denuncie o padre delinquente, como incursu no artigo supra transcripto.

Os homens de bem o applaudirão. A população sensata desta capital verá em s. s. um funcionario zeloso e cumpridor dos seus deveros.

Léam. padres.

Quanto mais se passam os dias, tanto mais prova a experiencia a inutilidade do clero. Este é o melhor e maior fornecedor de argumentos, cuja efficacia escapa a toda e qualquer objecção.

O mundo progride, o pensamento se aperfeicou e cada vez mais suas conquistas diluam os horizontes da luz.

Nos primitivos tempos, a religião natural, a unica que coexistiu sempre com o espirito, manifestar-se subilite, por sua simplicidade, excessa por sua pureza, accetivel por sua naturalidade.

Mais tarde, a molidade, a coligja e a hypocrisia relevam convenientemente transfigurando esse culto, que o espirito sempre adoptou, porque é inherente á sua natureza; mas que por isso mesmo não poderá jamais ser substituido por invenções eguisticas, interesseiras e de mais desmarcada corrupção.

A religião não tem necessidade alguma do clero. Ella é natural, está no animo de todo o individuo. Não pôde ser imposta, porque a crenga depende

da liberdade e de actividade do espirito, sendo que a crenga religiosa especialmente carecerá do base, desde que ella não apparecer ao espirito espontaneamente.

Além da decadencia natural que levam as religiões impostas, o clero todos os dias dá novas causas para a repugnancia que já existe. Isto não ha quem possa negar.

Si ao menos esses senhores, alvarmente intitulados ministros da religião, disposessem de bom senso, de boas intenções e de uma illustração indubitavel, amla poderia continuar o espirito livre a tolerar-os.

Mas, quando isso não existe, quando quotidianamente elles testemunham seu desvario, sua malevolencia, sua ineptia, o que succede é que esses povos de espirito passiam na sociedade como verdadeiras aberrações da humanidade, apontados pelas multidoes como ignobiles ganhadores a quem todo o merecimento fallece.

Ainda alguns ha que acreditam em considerações que lhes tributam. Imbecis!

Verdadeiros palhaços de circo, não passam de entidades despretiveis, que só merecem uma gargalhada enquanto impõem e um esgarro quando decahem.

Pobres alimárias!
Atados ao ignominioso poste da degradation, procuram nivelar todos pela viciosa da immoralidade, da corrupção, da hypocrisia.

Quem heja o capaz de olhar serriamente para um padre? Quem é capaz de acreditar de coração em qualquer d'esses trelogos réus de consciencia, — vendelaira vergonha das sociedades que os toleram?

Apellemos para elles proprios:
Ora digam, senhores ministros religiosos, digam com algum resto de lealdade que ainda possa existir n'essas almas dessecadas pelo pestifero sopra da hypocrisia, digam, acreditam porventura que, n'este tempo, graças ás reformas salutarres por que vão passando as instituições, ainda haja quem os considere, quem os acredite, quem deseje sua conservação?

Não podem, costolos, dizer o que sentem, porque a *obediencia sacca* lles impõe negar tudo, inclusive honra e vergonha.
Enimla querem aclear em alguma coisa que resta do grande philosopho Christo, meio de salvación, n'este naufragio universal a que estão votados.

Christo disse: Si alguem te pedir uma esmola, dá-lhe, de accordo com tuas posses; devido mesmo o que tiveres com os necessitados. Os padres reformaram o suntu preceito, e sua theoria e pratica são: arranqueamos do rico o ouro, do infeliz á esperanza, do pobre a honra.
Christo disse: Si alguem te der uma bofetada, apresenta-lhe a outra face. Os padres não julgaram bom este preceito, em verdade antagonico ao principio de conservação, e então impõem: Enfameamos a face da gente honesta com as fessas dos lordes em que conspueamos, de envolta com a religião, os ultimos sentimentos de dignidade.

Christo expulsou do templo os mercadores; — os padres procuram expulsar Deus do espirito da humanidade.
E é esta escuria da ultima camada social que pretende desrespeitar as sociedades cultas.
O espirito, oh! ganhadores, tem seu azorrague; elle o tem erguido sobre vós e orde que o desprezo universal vos esmagará nas espolinas de vossos crimes.

VARIEDADE.

Gato por febre.

—É uma perseguição! é uma perseguição!... Não bastavam os livres pensa-

dores?... Até o destino nos quer perseguir!... Arra!...

—Não so affija, Exm.^a, não se affija... Não vá, agora, deitar os bofes, por qualquer *dá dá aquella palha*. Foi uma catastrophe, foi, mas o que fazer? E alem disso é impossivel que as almas caridosas não o tivessem fomentado com articia, minorando, assim, os males de tão conspicio sacerdote, humilde servo de V. Exc., como eu sei.

—Caba-te, miseravel! Suppões, talvez, que essas tuas toscas palavras são muy bastantes para a minha resignação? Ora bolas!...

—Bem, Exm.^a... Sem mais aquella... Até mais ver...

Acabava-se de dar este pequeno dialogo entre o incomparavel sr. Tude o o virtuoso D. Candido e já o sympathico e intropido orphanolao, um pouco escarmentado pelas razões ferozas do prelado, tratava de sahir, quando entra o arrancando Guedelha.

—Bem vindo sejas homem das luzes, exclama o mitrado.

—Talvez tenha apparencias de perillampo, mas, por Deus, que o não sabia... responde o Guedelha.

—Não inverta, caro areypreste.
—Não se invertem palavras, quando ellas não são diffusas. Soube que desejava a minha presenca e cá estou para cumprir ás suas ordens. Nunca desejei ser quadrupede, como agora, para mais depressa attender ao seu chamado...

—Meu bom areypreste não me confundas...

—V. Exc. não se poderá confundir, desde que estiver fallando com um inferior. De minha parte, ha mais motivo para confusão, pois V. Exc. é meu superior.

—Superior em posição, mas nunca em illustração...

—Vimos ao que importa. Chegamos noticias do centro e juro-lhe que me não agradam. Sobre eleições, nada temo feito. O Ozorio, qual sacia-chão pula aqui, salta lá, mas cheia aqui e cheia lá. Ultimamente deixou-se engamar pelo burro em que montava...

—Oh! interrompe o Mourão, é muito tolo o padre, que se deixa vencer por um burro. Eu não sei o que lhe diga, mas, galgando o dorso de um jumento, elle teimará, mas.....

—Sim; mas a intelligencia do Ozorio está abaixo da sua, para que se possa fazer obedecer pelos animaes. O meu humilde servo manda-me dizer.... Olhe, ouça a carta: (le)

«Virtuoso prelado»

«Fac.-lhe esta com a canhoto, pois estou impossibilitado de utilisar-me do braço direito, por estar encanado. Dei um formidavel queda e juro-lhe que vi a morte trez dedos distante do nariz.»

«Quanto a eleições, creio que tanto eu, como V. Exc. cheiramos. Contindo, ainda não desisto. Farei, o que poder, em prol do nosso triumpho.»

Vosso servo

Ozorio.

—Junctamento remette-me elle o resultado da eleição havida no circulo, onde tuccionavamos *grimpar*. El-o:

Virtuoso D. Antonio para o primeiro falta 1 voto.

Rvd. Bannfá, idem idem.

Rvd. Mira Ustedi, idem idem.

Rvd. Frei Tabaco, idem idem.

Rvd. Papa-noscos, idem idem.

Rvd. Frei Magrico, idem idem.

O sr. Myssés Tude, idem idem.

1 soldado em separado por ter n'ella escripto: voto em D. Gureba.

—Eu bem lhe disse, meu caro areypreste, que as coisas não eram tão fáceis como você imaginava. E que tal? Que papel represento eu agora, não obtendo para minha gente um só voto, no passo que tenho impigido para S. Pálo que a minha influencia, nesta terra, é illimitada!?

—Exm.^a: nunca foi intento meu desprestigial-o perante o publico e ante os

VIANNA, Outubro de 1881.

seus famosos contraneos. Si eu não tiver a certeza....
 —Pois você tem certeza? de que?
 —Sim. Tenho certeza de vencer no segundo escrutínio....
 —Ah! Então, como é a isso de segundo escrutínio?
 —No segundo escrutínio são escolhidos aquelles, que justamente não tem um só voto.
 —Bem! bem! Falte-me assim. Eu bem disse que você era-me inferior em posição, mas não em illustração.
 —Mas isso, Exm., não foi um erro, foi apenas um *qui pro quo* episcopal.
 —Pois então seja um *qui pro quo* episcopal.
 —Um *qui pro quo* Exm.
 —Sim um *qui pro quo*.
 E o parvo mitrado comeu o gato por lebre, rematando a saborosa refeição com uma não menos succulenta usneira, a do *qui pro quo*
 São Luiz, 8—11—81.

X. Y. Z.

A PEDIDO.

A ideia caminha.

Sr. redactor.—Com muito prazer lhe communico que em um dia destes foi enterrado civilmente um *sympathico* e estimado sapateiro que tinha officina na rua Grande.
 Os encarregados do enterro dispensarão as ceremonias religiosas. No cemiterio não houve agua benta e nem latim.
 Isto prova que a consciencia do povo já se vai esclarecendo e que todas estas patacadas religiosas para nada valeram. Ha muito que isso cheira a palhaçada.
 Se continuar assim, breve o padre não terá o que comer.

Frei Satan.

Ao rvd. Guedelha.

O padre crapuloso! herode de mil fagulhas,
 De negras epopeias, de crimes monstruosos.
 Tratante do um fíg, infâmio, vil roupeta,
 Auctor de mil tragedias, de planos teno-
 (brosos) l....
 O grande seductor de pobres desvallidas,
 —Abatre esfamado de gossos sensunes,
 O fôto pregador de feiras e tavernas,
 Innuendo reptil, o rei das bucheanões!
 Traidor, vil, intrigante, fingido sacerdote
 Das obras grandiosas, sublimes do Sa-
 (nhor)
 O monstro, que confundes a virgem e a
 (Messallan)
 No teu cranéo de lama! o biltro seu
 (padr) l
 Bandido fugitivo de negras enxovias!
 O prest, frequentador, amigo da grillôta!
 Quem foi que te obrigou troucar os negros
 (trajes)
 Os trajes do forçado, por essa vil roupeta?
 Que queres? que desejas? Não vês que
 (a lumenalido)
 Fustiga, sem cessar, bundidos e villões?
 Não vês que as leis castigam com penas
 (trigonas)
 —A' caflia, em que te alistás?—sicários
 (e ladrões)
 Não sentos o remorso agudo e penetrante
 Dilacrar-te a alma no vicio encarnada!
 Não tens algum momento, no qual tu te
 (arrependas)
 Dos crimes, das infâmias de tão devasso
 (vida) y...
 Pois bem! foge de nós! o padre aventure-
 (noir)
 Lancia do papado! o mestre dos bordões!
 Quo nós te esmagaremos a bem da huma-
 (nidade)
 —Cospindo-to no rosto, e te calcand' nos
 (pés)!

Novembro, 1881.

Oscar d'Alva.

Srs. redactores.—Pego-lhes que me concedão um pouquinho de espaço, affim de dar-vos algumas noticias, que, naturalmente vos hão de interessar.
 Não vou falar de outra *coiza*, senão de padres. E' preciso que esses rvids. saibão, que não é só em plena S. Luiz que se ergue o brado de extermínio contra a seita.
 Aqui, na villa, tambem ha o partido do progresso, que advoga a causa do livre pensamento.
 Esse partido, com a gente de sôfina, é mesmo—o *cão com o gato*.
 Outros muitas pessoas respeitaveis, so hem que não fação uma opposição desabrida contra a caduca igreja papal, ligão tanta importancia a seus milistros como à primeira canistá que vestirão.
 Quem traça as presentes linhas, srs. redactores, não é completamente *he-reje*; contudo não se colloco no parallelo dos Mottas e Ferrvairs. O ultimo d'esses typos é cognominado o Puréza viannense, e chega a ser tão zeloso catholico que promete *cacete*, em prol da sancta madre igreja; porem o marceco, apenas ouve o brado soboro de *haja rola*, corre a bom correr.
 Podem acreditar, que ninguém tem melhores gambins....
 —Crischrou-se ultimamente, na igreja matriz, uma solemnidade religiosa, acompanhada de uma magnifica festa d'arratã.
 Dentro, ostentava-se o padre Ozorio, o ex-rvo, a fazer o panegyrico da sanctissima virgem, intitulando-a de *canal de graça*; fóra, na Praça esplendidamente illuminada, os Mottas imbecis, em rotas familiares, lião Alexandrinos, como se fãra prosa e depois achavão-nos mãos... mal feitos... como se fãza Alexandrinos fosse medir chitas, ou soprar gaitas.
 Meu Motta de uma figa: quando viesse de tão longe, percorrendo esses campos immensos, desprovidos de pasto e quizeste em Vianna passar por censor de Alexandrinos não te occorreu que havias de ficar aqui conhecido por tólo e idiota?
 —A respeito dos taes sermões e da chegada do rvd. La Croix, publicou-se um—*pasquim*, nome que derão indevidamente a uns Alexandrinos que exprimem a verdade. N'esses versos fallava-se em *buxas* e S. *Cactos* e mettia-se muito á bulha o bode expatriario do rvd. Mourão.
 Tanto bastou para que a sensata redacção da *Ordem* demittisse de sua officina o seu habilitissimo typographo e impressor.
 Muita gente julgará por ahí alem que tal procedimento foi um pouco officioso e servil; mas não, srs. redactores, isto foi devido ao extraordinario zelo apostolico romano da nossa amada e poquentina *Ordem*.
 A igreja fãra *offendida* na pessoa d'um sacerdote, era necessario *desafrental-a*, castigando o typographo *he-reje*, accusado como impressor dos taes Alexandrinos, e que teve tanta culpa nisso como o José Mudo, ou Ricardo Cego, dois typos inoffensivos que aqui temos.
 —O rvd. nasceu-se, em vista de terem-se-lhe frustado os planos de *capiscar* votos, por meio de sermões.
 Todos as vezes que o pretense deputado subio á tribuna, a palavra emalha deslizo-se-lhe pelos labios.
 Por final o papa missas, vendo que as *omissas* não lhe quadravão, poz-se ao fresco, sempre acompanhado do intelligente Motta, sen interessante pagem. Que Deus os leve em companhia do diabo!
 —Consta-nos, que um denadado campo da Muribet, um distincto cavalheiro de mediana posição social, pretende fundar n'esta cidade uma ir-

mandado do Coração, filial da ahí existente.
 O mundo marcha... não ha duvida... Empanto Lessops, o terrivel adversario da natureza, busca communicar dois immensos mares, facilitando assim o commercio entre as cidades do oeste e leste, em Vianna pretendo-se criar instituições *cordiades*, depositos ou agencias de agua de Lourdes e orações do Monte-Serrat.
 —Vs. ss. hão de receber um exemplar do tal *pasquim*, que aqui pude obter por dois vintens, e peço a transcripção do mesmo em seu conceituado jornal.
 —Terminando a missiva, peço-vos o especial obsequio de entregarem á sua exc. rvid. uma duzia de jurarás, que hei de remetter pelo Elias Milambos, actualmente entre nós.
 Digão a tão sabio varão:
Que a offerta é pouca,
Porque o vato é pobre.
 —O porco, que me pedio o Mourão não pode ir ago a. Bem sei que o rvd. não passa sem porco, mas... resigna-se.
 Continuarei, se quizerem.

Lino Carivaldo.

Eis os versos:
 Neste momento chega aqui um sacerdote, Cavado n'um sendeiro suado, vem á (rote)
 Apoz elle destillão uns poucos d'animes,
 Trazeno cavalheiros, uns cinco, seis ou (mais)
 Ao ver a caravana que troteava além,
 Par'ceu-me ver entrar Christo em Jeru- (salem)
 E, como que sondando o vigario romano,
 As cêrcas se cobriam de *buxa* e S. *Cac* (tos).
 Chagado perto a mim o *sagrado* cortejo,
 Que admiração, que pasmo o meu, que (voto)
 Julguei ser o ludibrio d'algum sonho il- (lusorio)
 Mas não, realmente eu vi, eu vi e fezi (Ozorio).
 O mesmo que traz sempre os queixos (n'um primão),
 Que já foi processado por calumniador,
 Um que testa de ferro já form certo dia,
 Para encobrir de outro a infame coardia.
 Saibamos o que vem fazer o bom vigario,
 Vio dizer ao povo que o martyr do cal- (vário)
 Anou a liberdade, a virtude, a clemencia!
 Que foi bom, justo e doce, amigo da in- (nocencia)?
 Veio pregar do Christo as tradições sa- (bidas)
 Os vicios mal dizer e mal dizer os cri- (mes)?
 Veio dizer que o homem tem livre o pen- (samento)?
 Que o—Caluniador—é um animal no- (jento)?
 Qual, tão são *historias*, fiado nos devo- (tos)
 Da Santa Igreja, o padre vem ver se pi- (lha votos).
 Eis a razão porque elle anda azifamado,
 —Meterão-lhe em cabeça que ha do ser (deputado)!

Oh! vós, alguns carellas, ajudai o bom padre,
 O *almirado* de Deus, fillo da *Sancta Ma-* (dre)
 Elle só quer, *coitella!* tudo que justo (seja).
 E' *martyr* que trabalha em prol da Ma- (dre) Igreja.

E tu que bem pertences á horda dos si- (carrios),
 Que pertences á seita dos vis reaciona- (rios),
 Enverga entudado da hypocrisia a capu,
 E mostra que já és *deputado* do papa.

Agricio Persão.

Os echos passam a ser escriptos por frei Nicolão, que, certamente, não tem o espirito de Soror Pompadour, mas ha de fazer por onde metter a bulha a rvd. gentalha de roupetã e seus officiosos adeptos.
 —
 O *Pensador* continua, má grado o desejo dos padres e servilissimos bajuladores da *coterie* ecclesiastica.
 —O *rapazio* pretende mostrar, que o publico valle sempre mais alguma coisa, do que a agua de Lourdes e os *milagres* do padre Fonseca.

Pedimos, portanto, a algumas dos nosos assignantes, que se desentendam no pagamento de suas assignaturas, que o ficam mais regularmente para podermos quebrar a castanha na bocca dos *padres*.
 Façam-nos esse obsequio.....
 —
 Uma irmã do coração, ao salir da igreja de Santo Antonio convidou uma sua companheira para assistir ao theatrinho das *Merrez*.
 —E que tal a devotinha?.....

O meu *lanceiro* padre Miranda beigou com a sua lavadeira, por lhe não ter alvejado os colarinhos.
 Ulla agora!.....
 Fullecen, ha dias, o popular *Sariva*, sapateiro. No feteco não houve padres, nem a sepultura foi benta.
 —Se pega a moda, os padres cheiram....

Perguntou o Faria, capitão, ao Almeida, vigario:
 —Em quem vota você?
 —Em quem me der *du bon fromage*, *du bon jambon* et....
 —*Et du bo vin*.... torna o Faria.
 —*Qui mon cher oui*..... *ei du bon vin*.....
 —Olla que finorio!.....

O rvd. Ozorio cavalgando, pelo alto sertão, em cima de ossado bucephalo, viroo de *catraçu*.
 —Bemdito seja o cavallo, que *duz* e *gou* o rvd. trambalho.

Coasta-nos, que o Guedelha pretende fundar um collegio, que se chamará *Central*.
 —Já tinhamos Hotel *Central*, Armazem *Central*, Padaria *Central* e Estação *Central*, é justo que tenhamos um collegio *central*.....

Perguntou o mesmo sr. Guedelha á uns seus amigos, com quem conversava:
 —Meus senhores: qual é o remedio mais evidente para cessar o cuspo?
 —Fêl de boi, meu amigo, fêl de boi, respondeu-lhe o Piro.....canta.
 —Hum essa!.....

Diem-nos, que uma senhora acha-se atuada do cerebro, em consequencia de continuados e mortificantes exercicios religiosos, como sejam: jejuns e outras quejandas palhaçadas, impostas pelos padres.
 Effeitos da *carolice*!.....

Quando o nosso pio Prelado soube que o *Pensador* não dava a *caxca*, exclamou semi-colerico:
 Não faque, lêspo, não, mas mudo e queto Vendo não lidar-se esse torpedo.
 —E que tal o mitrado?

Cumulo do fanatismo:
 Adorar Deus vivo na pessoa do padre Fonseca.

Frei Nicolão.

CHRONICA.

A morte e os trabalhos da vida roubram-nos dois companheiros.

Pinho Junior descança á sombra dos cyrestes o Urbano Granier abraça-nos a parte para longe. Aquelle cahiu na luta, este vai á essa grande officina que se chama sciencia—policr novas armas para o grande combate.

E' poron a mocidade como a hydra da fabula: si deapparecem duas cabeças, surgem outras, e a luta que é—a divisa da humanidade, continúa como si nas heróicas fleiras existissem sempre os mesmos batalhadores.

E' assim que O Pensador, ainda mergulhado no mais profundo pesar, abra os braços e acolhe a novos companheiros que vêm iniciar-se na luta da razão contra a hypocrisia, da luz contra a escuridão.

E' por isso que Mephistophelis substituiu hoje a Urbano Granier.

Grande modificação tem soffrido a nossa atmosphera depois do dia 12 do corrente.

Realmente nunca tivemos um novembro tão abrasador! Do dia 12 em diante começa o tempo a mudar. As brisas do norte correm mais frescas, o calor que parecia querer converter esta ilha n'uma grande frigideira, tornou-se mais brando, o céu que como succede nos calmosos dias de verão, enfiava-se constantemente, está limpo, alegre como um cão napolitano! Um bem estar que parece perpetuo apoderou-se de nós. Tem diminuido o numero de heri-hericos, o obtinuario decesso e até os vizinhos baptisado grande numero de crianças. As intrigas eleitoraes têm diminuido; os candidatos derrotados estão mais consolados com as palmas do martyrio, e os do segundo escrutinio convencidos de um proximo triumpho!

Que fada bem fazêja teria tocado com a sua varinha mágica nesta formosa concha?

No dia 12 do corrente o paquete Bahia, com a prua adornada, como se levasse dentro do seu bojo milhares de toneladas, deixava o ancoradouro em busca das terras do Guajará. Entretanto se algum curioso corresse a vista para o manifesto, veria que a carga não era para obrigar o Bahia a entornar-se tanto no oceano.

A tal respeito faziam-se na Ilha mil commentarios, quando o alferes Azevedo achou as incognitas da difficil equação:—Qual carga, nem meia carga, misti, disse o alferes no Augusto, o que está fazendo o vapor entornar-se são os pecados, a maldade de Mourão e do Fonseca que vão tirar borracha no Pará.

Uma gargalhada estridula percorreu os grupos. Estava achado o valor do x e do y.

Solução—A ilha de S. Luiz tornava-se fresca, salubre, alegre, a sua atmosphera soffria grande modificação,—porque affastavam-se della, no dia 12 do corrente, as miannas, a curiaba, as intermitentes, a disenteria! O vapor entornava-se no oceano porque levava a seu bordo os fardos mais pesados que comportava a sociedade maranhense!

Parabens ao Maranhão! Parabens por estes dias de paz e de bonanza! Parabens por este bem estar que reina no lar! Parabens a alguns paes, maridos e irmãos que—não tendo a coragem, a energia do dever, foigam ainda em contemprar no intervallo de alguns dias, a familia inteira reunida no abngo, livre d'agua benta, do mysticismo estúpido e calculado dos Juca Rosa de S. Antonio!

Ah! não escapillar o torpe casal de jesuitas, por um acaso qualquer, das bordas do Bahia e ser engolido intórrinho por um casal de tubarões e não lhe queremos mal vomitados, a semelhança do que succedeu ao propheta Jonathas, nas longuissimas geleiras do polo do norte!

Ah! mas se é immenso o nosso prazer, imaginem os leitores o desapontamento do povo paraense ao ver saltar o famigerado Mourão, adiscedoria, a peor febre amarella, o Atila daquelle hom povo, acompanhado do cholera-morbus, da phisica pulmonar, representados no esgúo e agoureiro Fausoca!

Imaginem os leitores a cara de João Alfonso ao encontrar no Povo-opezo o seu amigo Joaquim d'Albuquerque em luta com um leão de arábis que heróicamente querem espicacar as mazetas pellos das intermináveis canellas do festejado autor das seccas e mecas!

Seo Pareza é quem anda contente, lampreio como um menino de 12 annos! A todos diz elle muito em segredo:—sufundi a albarda por algum tempo. Havia daquelles dois sacrechos ficaram por lá, pois o sr. bispo sem aquellas duas titicas é uma boa cousa!

Seo Pareza está tão alegre e desasombreado, que para divertir duas orphãs que elle prepara para o seu viveiro, prego nas vidraças de uma das suas janelas da rua do Crucifixo—uma formosa estampa representando—tres gallos coriocos de azas abertas em attitude de saltarem a um tempo o famoso ei cá roca! Ora quem sabe quanto s. exc. rvdm. oleia semelhante ave, vê que até o nosso seo Pareza, proclamou a sua independencia; respira, salta e pula com a ausencia dos dois tartufos!

O sr. bispo está satisfeitiíssimo com a sua tremenda popularidade. S. exc. teve um voto para senador! Se não fosse a incompatibilidade, diz elle aos amigos, estava com certeza na lista triplice.

A pandoga Civiltação não ha muito que annunciava disputarem os districtos de S. Paulo a candidatura do sr. bispo. Pelos jornaes daquela provincia vêm os que s. exc. em materia de eleição, não foi alli cheirado, o que de certo comprava o que tem O Pensador affirmado; não perder vasa o sr. conego Mourão para cobrir de ridiculo o seu ingenuo prelado. Dizem até por ali que o voto para senador que o sr. bispo obteve na freguezia da Conceição, é obra do sr. Euclides, o jornal do sr. arcypreste.

Muito podem o patriotismo e o catholico desinteresse do moço Ozorio!

O sr. conego é candidato á deputação provincial pelo 3.º districto!

Muito podem, repetimos, o patriotismo e o desinteresse do sr. Ozorio!

E' s. mc. conego da nossa cathedra e lente de latim do seminario. Segundo o art. 12 da Reforma eleitoral, emprego publico remunerado não pode exercer durante o periodo da legislatura, o funcionario de qualquer classe que percheir pelos cofres genes, provincias ou municipaes vencimentos ou percentagens, si aceitar o logar de deputado ou membro da assembléa provincial.

Que prejuizo vai ter o sr. conego! A legislatura é de dois annos. Façamos o calculo:

Congrua de conego a	600\$000
reís annuaes.	1,200\$000
Vencimentos de lente a 1:000\$	2,000\$000
	3,200\$000

Deixa s. mc. de ganhar esta importancia para perceber 6:400 rs. diarios duran-

rante o tempo em que funcionar a assembléa: dois mezes em cada anno!

Podamos o calculo:

Fevereiro e março em dois annos a 6:400 rs. diarios (fevereiro nesta legislatura é sempre de 28 dias) 756\$200.

Prejuizo redondo 2,414\$800.

E' certo o ditado: mais vale um gosto que quatro vintens.

O fiasco do tal partido catholico nestas eleições é completo.

As candidaturas do nosso bispo e do seu collega do Pará naufragaram em secco. O sr. Mac-Dowel que se diz polidino do pseudo partido como outrora se dizia maçom e liberal, o unico que em virtude dos perniciosos convenios, parecia ter alguma probabilidade do triumphar, segundo renentes noticias da provincia vizinha, corre risco de ser esmagado no primeiro escrutinio pelo dr. Anaral!

Dizem que á annunciada catastrophe devemos a ausencia dos dois jesuitas.

Pobre Mac-Dowel, a popularidade do Mourão vai comprometter-te.

Tem a Civiltação constantemente agredido o digno sr. dr. Cincinnato. S. Ex. porém não ligva a menor importancia aos grruhidos do coração clerical. Agora mesmo filha o sr. dr. Cincinnato occasiao de dar uma lição ao incorregivel padre Fonseca, um dos redactores do sagrado pasquin.

O padre Fonseca, capellão do 5.º batalhão e lente do lyceo, sem o menor respeito alle leis militares e civis embarca no paquete «Bahia» e vai ao Pará, sem licença, sem dar menor satisfação ao commandante das armas e presidente da provincia.

Outro presidente que não o bondoso sr. dr. Cincinnato, teria deixado a apreensão de semelhante falla ao seu digno successor?

Não teria immediatamente telegraphado para a provincia vizinha, requisitando a captura do militar insubordinado e desertor?

E' assim que o digno sr. dr. Cincinnato mostra a seus enfezados inimigos que sabe vingarse,—perdoando-lhes as faltas.

Deixa s. exc. nesta provincia um nome laureado e humilto pelos seus proprios adversarios politicos.

Estovamos para escrever estas linhas quando um amigo do seu Pareza obsequiou-nos como uma copia do seguinte telegramma:

«Pará 18, ás 5 horas da tarde.

Purosa, rua dos Asphixindos (1)

Parabens aos amigos do nosso Fonseca. O nosso camarada logo que aqui chegou, procurou saber si era possível arranjara uma harriga de borracha. A cousa era facil, mas o Julio oppoz-se seriamente; depois de examinar o vaeuo onde o nosso amigo deve ter a harriga. Foi resolvida uma junta medica dos mais acreditados facultativos. A junta declarou que o conego tem falta de tripa e de certas pegas dos intestinos!

Foi resolvida a seguinte operação que seu duvida aclarará a descoberta da viação aerea: O nosso amigo vai ser aberto e os seus intestinos substituidos pela fezeuca completa de uma grande tartaruga.

A operação é arriscada, mas prometta bom exito. Breve verá o nosso amigo roliço como o Timoco.

(1) Ha sem duvida entre da gaita da agencia telegraphica.

Algumas pessoas são de parecer que si a operação for bem succedida, o Múndico creará casco. Esta opinião porém é inaceitavel até perante o proprio Darwinismo.

Guedetha.

Oh! nós também pulamos de contentamento! Como hade ser bonito o Múndico transformado em tartaruga!

Foi uma providencia não estar desvalido o tanque do S. Antonio.

Desculpem os leitores si não está bem substituido o nosso saudoso Urbano Granier.

Fizemos quanto era possivel para imital-o. Tivimos até a velleidade de copiar-lhe o estylo.

Ficamos bem longe, mas valham-nos a boa vontade e a paciencia do leitor.

19 de novembro de 1881.

Mephistophelis.

EXPEDIENTE.

Temos a acusar mais a recepção dos seguintes jornaes:

Estrella do Sul, Bagagem, Minas Geraes;

O Financeiro, S. Paulo;

O Orden, Vianna;

A Lamparina, Campos;

A Republica, S. Paulo;

A Patria, Corte;

Gazeta Militar, Bahin;

O Eleitor, Parahyba do Sul;

Hajná, Minas Geraes;

O Guaripocaba, Bragança, S Paulo;

O Iniciador, Corte;

O Regenerator, Macció.

O Voto, Fertileza, Ceará;

O Argos, Corumbá, Matto Grosso.

—Agradecemos e retribuiremos.

PREVENÇÃO.

Não nos querendo sujeitar ás imposições que nos pretendia fazer o sr. José Maria Correia de Frias, proprietario datypographia onde era impresso o nosso jornal, resolvemos transferir a sua impressão para a officina da «Pacotilha.»

Saiba, entretanto, o publico que nós nada ficamos devendo ao sr. Frias.

EDITOR, Antonio Joaquim de Barros Lima.

TYPOGRAPHIA DA «PACOTILHA», Impresso por Antonio Auger da Silva.